

A fábula dos feijões cinzentos



A fábula dos feijões cinzentos

25 de Abril, como quem conta um conto



Autor: José Vaz

Ilustradora: Elsa Navarro

Editora: Campo das Letras

A FÁBULA DOS FEIJÕES CINZENTOS

Em tempos que já lá vão, existiu um reino chamado "Jardim-à-Beira-Mar-Plantado".

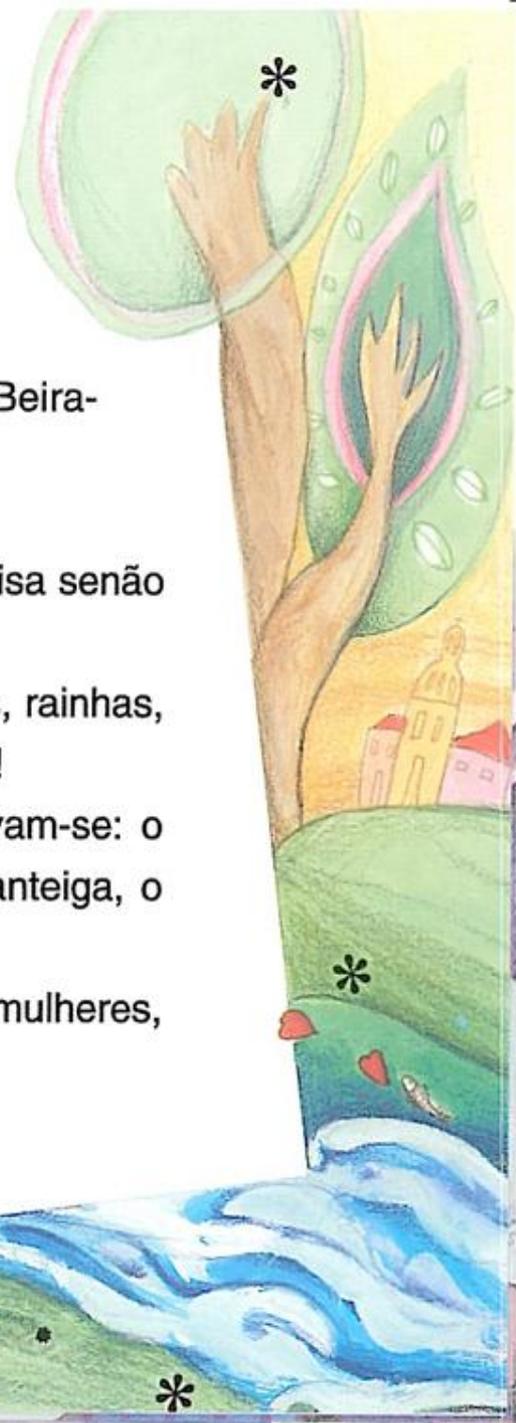
Este reino era rectangular, pequenino e muito bonito.

Tão lindo, tão lindo que o mar, verde-azulado, não fazia outra coisa senão dar-lhe, dia e noite, beijinhos na cara e no pescoço.

O reino que esta história conta não era habitado por reis, bruxas, rainhas, cavaleiros, princesas, fadas e bobos, não, aqui só moravam feijões!

Neste reino, todos se conheciam pelos seus nomes e chamavam-se: o Catarino, o Frade, o Branco, o Canário, o Moleiro, o Verde, o Manteiga, o Vermelho, o Rasteiro, o Galego, o Preto, o Rajado e o Carrapato.

Ah, é preciso não esquecer que, com os feijões, viviam as suas mulheres, as Feijocas, que eram gordinhas e muito leguminosas.



Desde que o mundo era mundo, os feijões sempre viveram em paz e sossego uns com os outros, cada um com a sua cor, cada qual com o seu feitio.

Mas, há muito, muito tempo, no tempo em que os meninos moravam nas sementes dos seus bisavós, aconteceu uma desgraça no reino do "Jardim-à-Beira-Mar-Plantado".

Tudo aconteceu porque o feijão Carrapato tomou conta do Sol, o feijão Fidalgo desviou a Água para o seu sítio e o feijão Frade tomou conta de todo o Ar que havia.







Diziam os velhos livros do reino que o Sol era a liberdade de criar; a Água, a obrigação de distribuir o que havia e o Ar, o direito a pensar e a ter ideias diferentes.

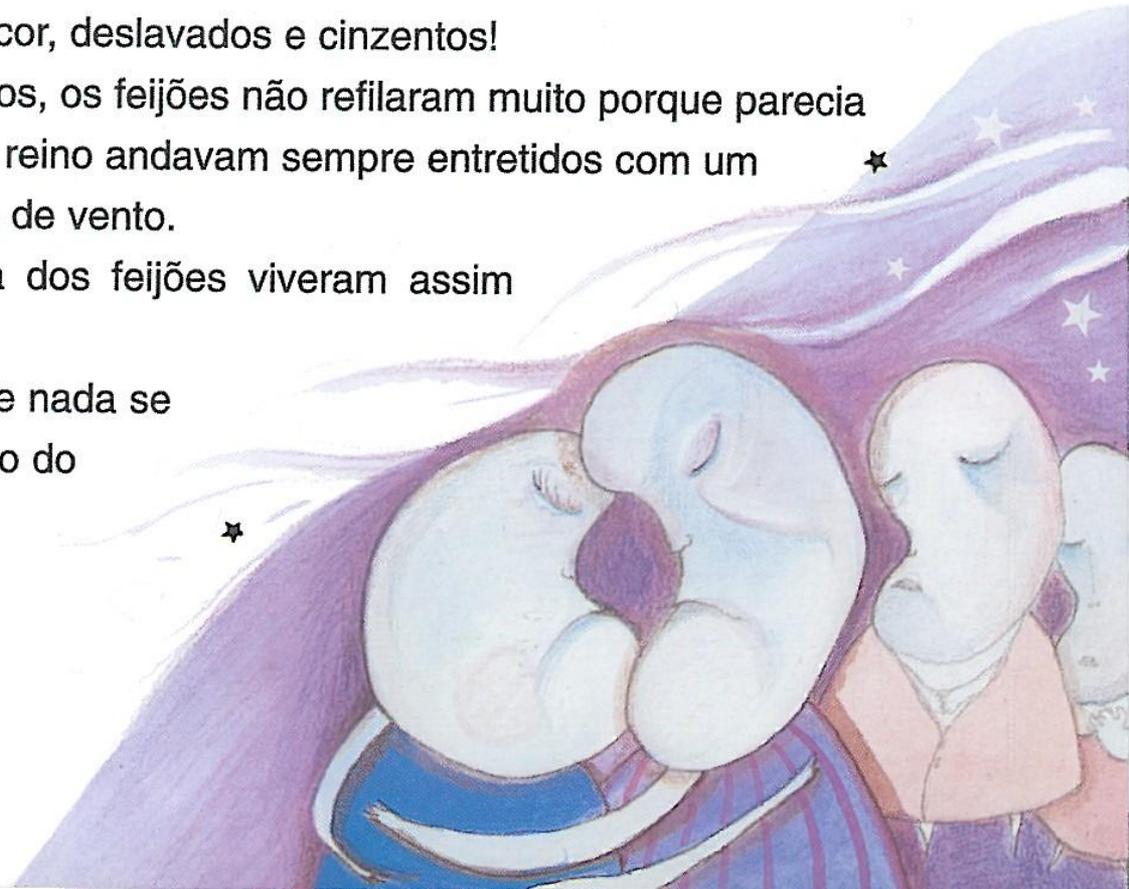
Um dia, ao lavarem a cara nas gotas de orvalho, os feijões deram um grito de aflição:

– Oooooohhh! Estamos sem cor, deslavados e cinzentos!

Vendo-se doentes e estragados, os feijões não retilaram muito porque parecia mal e, para além disso, naquele reino andavam sempre entretidos com um bocado de couro redondo, cheio de vento. ✧

Tristes e coitados, a maioria dos feijões viveram assim quarenta e oito anos.

O tempo ia passando sem que nada se fizesse para mudar a cor do reino do "Jardim-à-Beira-Mar-Plantado". ✧





Até que o feijão Vermelho, que lia a vida com olhos deslumbrados e para além disso era o mais retilho de todos, começou a falar baixinho aos ouvidos dos outros, no silêncio da noite:

– Camaradas, não há direito que uns poucos tenham o Sol, a Água e o Ar com fartura e nós, que somos a maioria, andemos secos e cheios de coisa nenhuma!

O feijão Canário, que era primo do feijão Vermelho, semeou no vento canções com palavras que ninguém podia usar no reino rectangular, pequenino e muito bonito.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Justiça, Democracia e muitas outras irmãs, eram as palavras que estavam aprisionadas na casa dos pensamentos sem janela.

O feijão Catarino, que usava palavras com olhos abertos, ousou escrever nas folhas de couve, que eram os jornais do reino:

– Ao povo do reino falta o Sol, a Água e o Ar!



O feijão Galego, vendo-se aflito com falta de ar nos bolsos no fim de cada dia escreveu, com carvão das minas, nas paredes do reino:

– Socorro, que eu abafro e morro com fome e sede de tudo!

O feijão Moleiro, já sem forças para acarretar farinha para o seu moinho, desesperado com a sua situação, veio gritar no silêncio da aldeia:

– Abaixo o Carrapato e quem o apoiar!

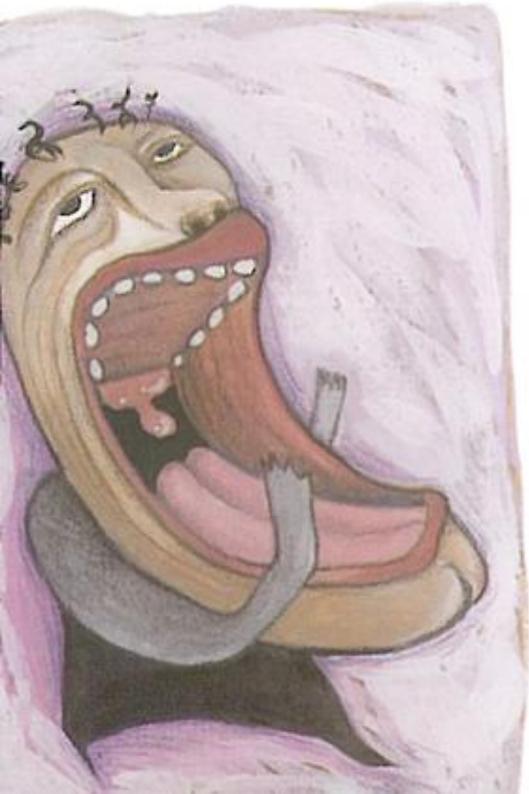
O feijão Preto, a quem tinham ocupado a terra dos seus avós, veio para os cantos e esquinas do mundo berrar:

– Saiam da nossa terra!

As Feijocas, gordinhas e leguminosas, que até aquele momento só tratavam da lavagem e da comida dos bebês-feijões, ganharam coragem e vieram para a rua cantar em coro:

– Queremos ter direitos iguais aos dos feijões!

O feijão Frade, que tinha uma voz de flauta celestial, veio



para a porta da sua oficina encantar as Feijocas e dar uma ajudinha aos feijões Fidalgo e Carrapato:

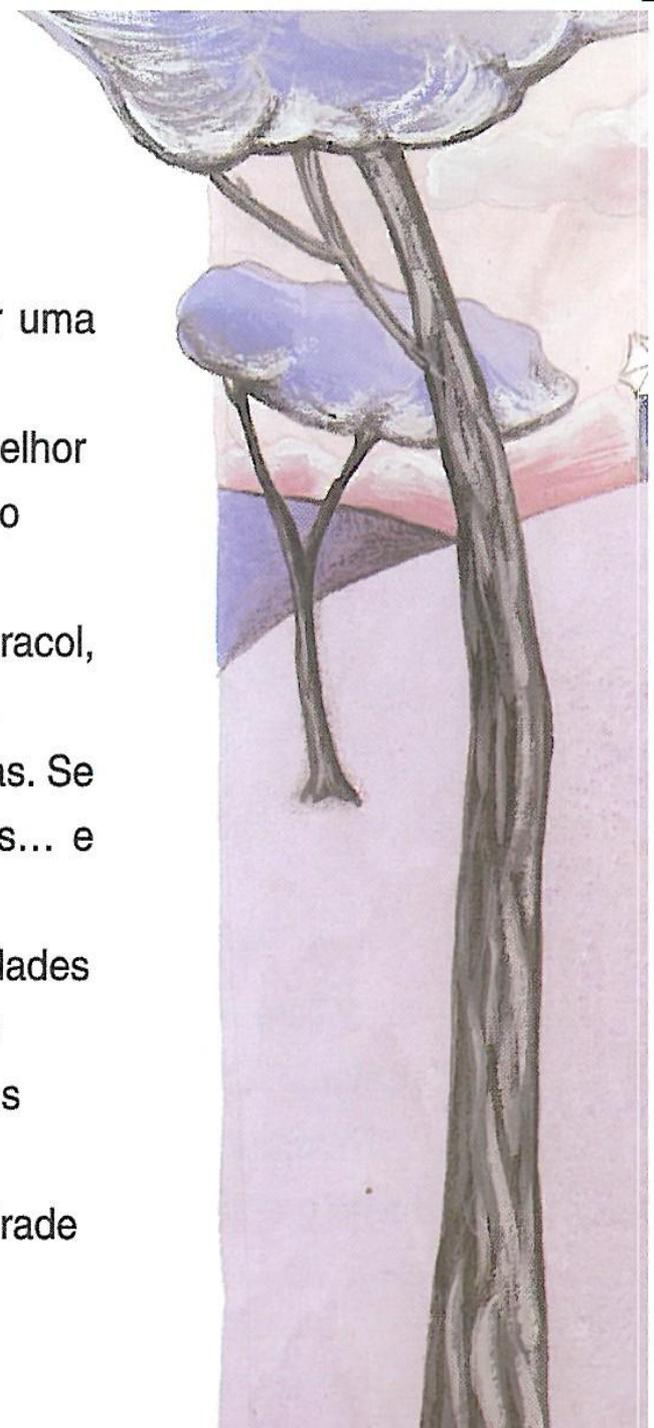
– Minhas irmãs, estai quietas e caladas porque para melhor ninguém vai! Se a Providência Divina quer as coisas como estão, é porque assim é que está bem!

Ao ouvir isto, o feijão Manteiga, que tinha espinha de caracol, falou, cheio de medo, para a mulher:

– Ó mulher, é melhor a gente não se meter em encrencas. Se o feijão Frade diz, é porque é! Ele sabe muito e, depois... e depois só quero olhar pela minha vida, percebes?

Mas as orelhas dos habitantes deveriam estar com saudades das palavras e das ideias novas porque, quanto mais as queriam aprisionar, mais elas entravam nos ouvidos dos feijões cinzentos.

Quando o feijão Carrapato, o feijão Fidalgo e o feijão Frade





souberam que os outros andavam a criticá-los e a exigirem mais Sol, mais Água e mais Ar, chamaram o feijão Rajado e o feijão Verde e disseram-lhes:

– Precisamos de vocês, porque a pátria está em perigo!

Estejam ao nosso lado e dar-vos-emos um raio de sol de vez em quando, uma gota de água de quando em vez e uma golfada de ar quando o rei fizer anos!

Para isso, tereis que defender as nossas costas, ouvir o que se diz a nosso respeito e vir contar-nos tudo. Quem for por nós, viverá bem. Quem for do contra, "tratamos-lhes da saúde" com porrada e tudo mais.

Deram ao feijão Rajado uma farda e um pau e ao feijão Verde umas orelhas muito grandes para ouvir as falas daqueles que discordavam dos manda-chuvas do reino do "Jardim-à-Beira-Mar-Plantado".



O feijão soldado-polícia e o feijão informador, julgando que estavam a fazer um bonito serviço pela pátria, aceitaram trabalhar para os três mandões.

As vozes dos que discordavam começaram a engrossar e as raízes que sustentavam o feijão Carrapato, o feijão Fidalgo e o feijão Frade, aos poucos, iam ficando fraquinhas, amarelas e moles.

As coisas começavam a ficar pretas para os feijões que diziam:

– Eu posso, quero e mando!

Os três, vendo-se já muito aflitos, mandaram pôr um olho em cada esquina e um ouvido em cada parede para descobrirem os do contra, os feijões que queriam mais Sol, mais Água e mais Ar.

Ainda não contentes com isso, o feijão Carrapato inventou um lápis com os dentes afiados e azuis para comer as palavras que ele não gostava de ouvir nem de ler.

O lápis, mal foi solto no meio do reino, abocanhou logo as palavras e as ideias



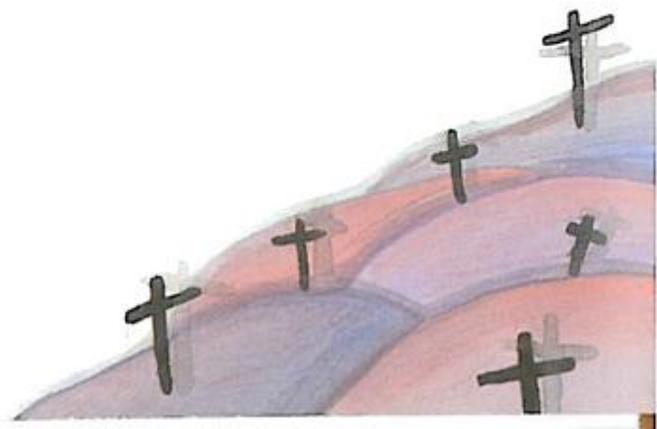
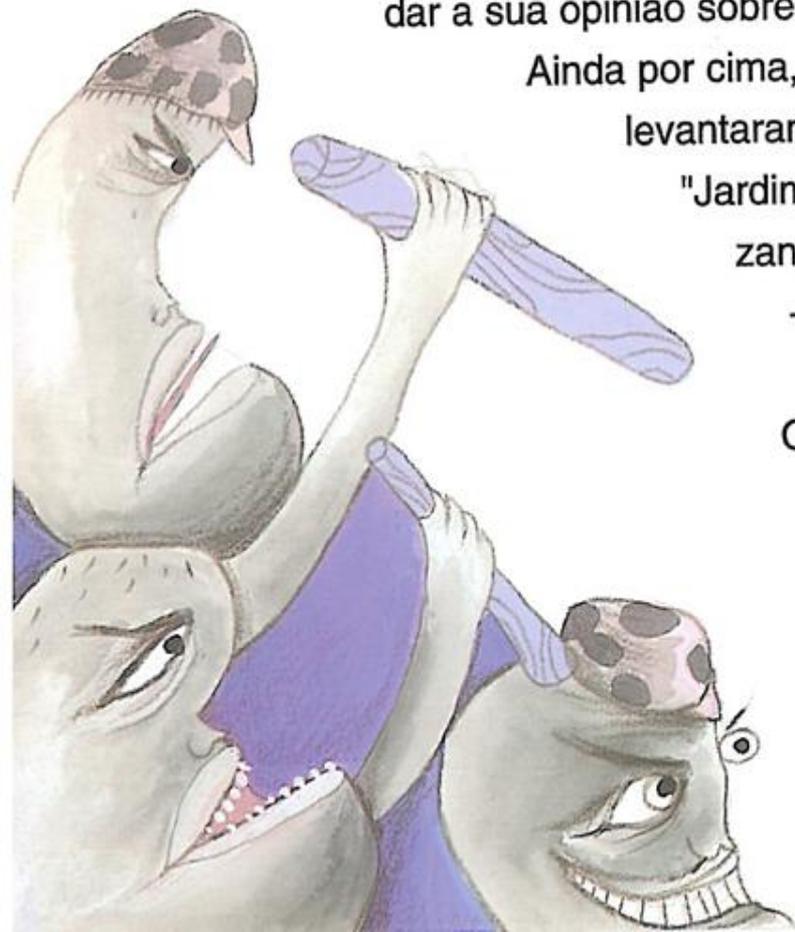
que moravam nos livros, nas músicas e nos jornais e levou-as amarradas de pés e mãos para a prisão das palavras luminosas.

Mas não adiantava nada porque os feijões cinzentos não se calavam e exigiam dar a sua opinião sobre os assuntos do reino.

Ainda por cima, na terra do avô do feijão Preto, os primos deste levantaram a voz contra os que mandavam no reino do "Jardim-à-Beira-Mar-Plantado" e berraram, muito zangados:

– Ide-vos embora, queremos ser nós a mandar na nossa terra!

O feijão Carrapato não gostou nada disso e mandou,



para as terras de além do mar, muitos feijões Brancos e Rajados para combater os primos dos feijões Pretos.

Muitos feijões Brancos, Rajados e Pretos morreram nessa guerra.

Foi durante essa triste guerra que alguns feijões Rajados descobriram que as coisas não estavam certas e decidiram deixar de trabalhar para os ladrões do Sol, da Água e do Ar.

Os feijões Rajados reuniram-se nas noites sem lua e, como as raízes que prendiam ao chão o feijão Carrapato, o feijão Frade e o feijão Fidalgo estavam cada vez mais podres, deram-lhes um empurrão tão grande, que eles caíram por terra e nunca mais se levantaram.



A partir desse momento, ninguém mais roubou o Sol e o Ar aos outros, e a Água começou a ser repartida por todos.

Quando isso aconteceu, os feijões cinzentos voltaram a ter as cores antigas e no reino vegetal foi Primavera.

Os cravos vieram morar para as ruas e para as praças e, no calendário dos homens portugueses, a História pôs uma rodinha onde marcava: 25 de Abril de 1974 – Dia da Liberdade.







Trabalho Elaborado por:

**Florinda Olímpia Cavaleiro Reis
Olga Maria Morais Alves Gonçalves**